

O SEXO DO VÍCIO

2264.

_ Tudo bem? Podemos conversar?

Em meio a um sorriso, era sempre assim o início. Um requintado *scotch* bar, ele e uma bela mulher, escolhida a dedo entre as freqüentadoras. Mulheres aparentemente normais, de beleza comum, não lhe serviam. Haveriam elas de corresponder às suas expectativas, que eram baseadas no que ele via de si. O espelho mostrava a ele um homem bem aparentado, no auge de seus quarenta anos, cabelo levemente grisalho e olhar penetrante. Ao mesmo tempo que via a imagem de um homem totalmente maduro e seguro de seus atos, também, por sua vontade, poderia se transformar num ser jovem, brincalhão e que clama por cuidados maternos. Saúde em perfeita ordem, boa situação financeira, ótimo relacionamento interpessoal e um vício que lhe consumia: sexo.

Sempre se considerou um viciado, porém, com o passar dos anos, o que era um hábito saudável passou a se tornar uma compulsão e desta foi-se originando um desejo cada vez mais ardente, mas que sua racionalidade o possibilitava controlar, a duras penas. Esse controle não lhe atraía, pois o desejo saciado lhe proporcionava a sensação de glória que inundava seu espírito de um prazer, por vezes maior do que a sensação física do clímax de uma conjunção. E essa escravidão imposta pela carne obrigava-o a ser simplesmente impecável, perfeito. Corpo, mente, vestimentas, cheiro, charme, tudo na mais perfeita sintonia, mesclando sutilidade e discrição com um atrevimento inteligentemente controlado, que lhe permitia ousar até o limite da vulgaridade, porém sem perder sua peculiar elegância.

O corpo tomava-lhe esforços. Eram necessários cuidados constantes e assim ele procedia, pois este era o início, o veículo e a garantia de seu prazer. Desde a barba, impecavelmente feita, até o abdômen esculpido, ao preço de dor e suor, aliado a impecáveis vestimentas, tudo era dirigido para atrair o sexo feminino. Os mínimos detalhes eram observados, o que se traduzia pelo alvo sorriso e um requintado perfume, cujas notas emanavam segurança, magia e sedução. Conhecimento não lhe faltava, o que lhe possibilitava logo travar uma boa conversa com absolutamente qualquer mulher e dirigir essa conversa para onde intencionasse, pois os anos na noite o tornaram um *expert* na psicologia dos relacionamentos, conferindo-lhe facilidade para reconhecer as mulheres mais vulneráveis e encarar desafios com as aparentemente mais difíceis. A linguagem corporal, que observava bem, muito lhe valia para escolher as mulheres que abordava e conduzi-las adequadamente dentro de um diálogo até o ponto que desejasse. Em minutos era travada uma grande empatia, um clima agradável, de confiança e intimidade. O álcool se encarregava de vencer alguma eventual resistência por parte dela ou de facilitar-lhe o caminho da posse e usufruto de seu corpo.

Logo estavam os dois em seu apartamento. Um sofá, taças de vinho, meia luz... Sabia ele muito bem exercer o encantamento e a fascinação sobre elas. Ora mostrava-se varonil, apertando sensualmente seu corpo contra o dela, ora mostrava-se propositalmente frágil, instigando nela o instinto maternal e a vontade de cuidar. Nenhuma mulher normal haveria de resistir. Do sofá para a cama bastavam apenas alguns passos. E lá ele mostrava toda sua destreza, ousadia e experiência. Era um verdadeiro especialista nas coisas do amor e do

sexo, valendo-se também nesse momento da vulgaridade, até então desconhecida de sua parceira, para intensificar esse sentimento libertino de cumplicidade de que tanto apreciava. Sabia exatamente como conduzir uma mulher, dosando cada atitude para o exato momento que deveria se manifestar. E fazia isso de forma natural, espontânea, ocupando sua mente unicamente em desfrutar daquele corpo que algumas horas atrás era um mero objeto de desejo. Seu perfeito condicionamento mental, aliado aos vários anos de prática, possibilitava a ele proporcionar um imensurável prazer à mulher, que chegava a beirar as raias do delírio tamanha era sua satisfação, inicialmente física, que se estendia depois para o âmago de seu espírito. Igualmente, desfrutava ele do mesmo deleite. Estava estabelecida sua glória, ouvia-se a sinfonia de seu regozijo traduzida nas palavras desenfreadas de paixão proferidas pela sua, e naquele momento, exclusiva mulher.

Amanhece o dia. Ainda recuperando-se do êxtase dos momentos vividos poucas horas atrás, ela recebe novos mimos e carinhos, que se encarregam-se de ratificar a perfeição na qual transcorreu a noite anterior. Uma caixa de bombons licorosos ao se despedirem é o golpe de misericórdia, servindo para consolidar todo o ocorrido e exterminar uma eventual sensação de arrependimento que possa nela advir. De parte dela, fica a esperança de um novo contato. De parte dele, seu vício foi saciado, mas apenas momentaneamente.

O vício consome, o vício escraviza. O vício exige a cada vez novos desafios, novas conquistas, novos encaixes, novas sensações. O vício é sujo e cruel. Ele reconhece em si o problema, reconhece sua dependência, mas é maior do que ele. Uma opção é saciar esse vício. A outra é lutar contra ele, o que causará desgaste, sofrimento e insatisfação. Mas onde está consolidado que o vício não causa esses dissabores? Seja por um caminho ou por outro, o vício sempre fará arder a chama de alguma perda. Tanto aceitá-lo como libertar-se custa caro e esse preço sempre será cobrado.

O sexo é poderoso. O sexo faz parte de nossos instintos e de nossa programação mental mais profunda. O desejo está presente em todas as pessoas normais, pelo condicionamento adquirido desde o nascimento, pela normal necessidade humana de entrosamento, pela disposição genética para a perpetuação da espécie, pela poderosa ação dos hormônios sexuais e, não menos, pela simples necessidade de sentir prazer. E dentre todos os prazeres que a vida pode proporcionar, escolha-se o maior e o mais intenso deles.

Mas nada disso emortece a existência do vício. Ele existe, domina e escraviza.

Chega a noite...

2265.

_ Tudo bem? Podemos conversar?

Texto de Eduardo Esber - www.eduardoesber.com

Publicado na Antologia Entrelinhas Literárias - 2011 (Scortecci Editora)